

A INFLUÊNCIA DO BELO NA ÉTICA NA RELIGIÃO MESSIÂNICA–CONTRASTE COM A CULTURA OCIDENTAL

Jurema Aparecida Amado de Castro (IC) Lídice Meyer Pinto Ribeiro (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo

Os estudos indicam que a Arte e a Religião são dois dos conceitos mais antigos da humanidade e seus entrelaçamentos trouxeram grandes reflexões para a vida do ser humano. O objeto de estudo desta pesquisa é a Igreja Messiânica Mundial, de origem japonesa que chegou ao Brasil na década de cinquenta e se estabeleceu em solo brasileiro. A doutrina da Igreja Messiânica Mundial em sua soteriologia possui três colunas de salvação: Verdade–Bem–Belo. Mokiti Okada, fundador da igreja, como messias, orienta e conduz os membros ao caminho do Paraíso Terrestre, ensinando-lhes a Verdade, praticando o Bem e orientando a membresia à contemplação do Belo. Segundo ele, a contemplação do Belo eleva o espírito do ser humano, modificando suas atitudes, pois amplia a percepção e sensibilidade do ser humano, desperta uma consciência e uma responsabilidade mais ampla. A arte, segundo esta religião mostra em seu texto sagrado, é um importante fator de apreciação do belo, ela aflora a elevação do caráter renovando as atitudes morais. As novas atitudes melhoram o convívio social e contribuem para a construção de uma nova sociedade. Este mundo ideal é exemplificado no solo sagrado dos messiânicos como Paraíso Terrestre, o Mundo Ideal, o Mundo da Arte.

Palavras chaves: Arte. Religião. Ética.

Abstract

Studies present that art and religion are two of the oldest concepts in mankind and its interlacement have generated massive reflections of the human life. This research study object is the Church of World Messianity, of Japanese origin, which arrived in Brazil in the fifties and since spread through Brazilian nation. The doctrine of the Church of World Messianity has three main pillars of salvation: Truth – Good – Beauty. Mokiti Okada, the church's founder, as messiahs, guide the members through the path of the Paradise on Earth, Ideal World, teaching them the Truth , practicing the Good and guiding the members through the contemplation of the Beauty. According to him, the contemplation of the Beauty elevates the human spirit, changing its attitudes, because it amplifies the perception and sensibility of the human being, awake his conscience and broad his responsibility. The art, according to this religion sacred text, is an important factor of beauty appreciation and of the ideal world construction, it outcrops the elevation of character refreshing the moral attitudes. The new attitudes enhance the social living and contribute for the construction of a new society. This ideal world is

exemplified at the Messianic sacred ground like Paradise on Earth, Ideal World and Art's World.

Keywords: Art. Religion. Ethics

Introdução

Arte e religião sempre estiveram entrelaçadas no decorrer do desenvolvimento da humanidade. Nesta pesquisa buscamos um melhor entendimento de como a apreciação do Belo pode modificar as atitudes do ser humano. Dentre muitas religiões do mundo, encontramos a uma religião japonesa, que possui em sua soteriologia uma coluna de salvação denominada Belo.

O objeto dessa pesquisa é a Igreja Messiânica Mundial, grupo religioso de origem japonesa que está classificada dentro das Novas Religiões Japonesas (NRJ's) que surgiram no sec. XX. A presença das NRJ's no Brasil iniciou-se a partir da vinda dos primeiros imigrantes japoneses em 1908.

Notamos um aumento considerável do número de grupos religiosos no Brasil, que em sua maioria representam desdobramentos de representações religiosas mais antigas. É comum dizer que no Brasil existe um sincretismo religioso muito presente, ou seja, elementos de doutrinas e cultos que muitas vezes se combinam e são reinterpretados.

A expectativa desta pesquisa visa o entendimento de como o fundador desta igreja através de seus ensinamentos e orientações, consegue levar a membresia a aproximar-se da arte, para que em sua contemplação possam desenvolver um discernimento e uma aprendizagem sensível e de elevação espiritual.

Quem contempla a obra de arte, segundo o fundador da Igreja Messiânica Mundial, Mokiti Okada, desenvolve uma capacidade individual e própria de sentir o belo. Passando a observar também outras realidades de maneira mais sensível, elevando o seu discernimento, passando a ver as ocorrências com um olhar mais criterioso e ao mesmo tempo, adquirem capacidade para distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso. A partir desse discernimento do que é certo e errado, bem e mal, podemos dizer que o indivíduo desenvolve uma consciência e responsabilidade indispensável para a vida ética.

Mokiti Okada, como messias, orienta e conduz os membros ao caminho do Paraíso Terrestre, ou Mundo Ideal, ensinando-lhes a Verdade, praticando o Bem e os orienta na apreciação do Belo. Seu objetivo é fazer aflorar, através dos olhos da pessoa que vê uma obra de arte, o sentimento do belo latente nos seres humanos, elevar seu caráter e eliminar as impurezas de seu espírito. Na construção dos Protótipos do Paraíso Terrestre, por exemplo, tanto as pedras como as árvores e as plantas foram selecionadas e combinadas cuidadosamente, colocando-se amor em cada uma delas. É como se fossemos criar um quadro utilizando materiais "in natura". (MEISHU-SAMA, 2008)

O Protótipo do Paraíso é um espaço considerado solo sagrado da Igreja Messiânica Mundial, aqui no Brasil está localizado em Guarapiranga- SP. Nesta pesquisa foi elaborada

uma pequena abordagem sobre o conceito de Paraíso Terrestre que foi construído a partir das orientações do fundador, levando em consideração o conceito de belo que envolve todo o ambiente e a doutrina da igreja.

Buscamos também um entendimento sobre como o fundador da igreja messiânica relaciona a elevação do espírito do homem pela contemplação do Belo que se expressa por meio de formas e consegue reeducar a mente e provocar mudanças de conduta do homem. Para o fundador desta religião, o belo pode influenciar o homem, na formação de uma nova sociedade isenta de conflito, de pobreza e de doenças.

Para o contraste da cultura ocidental foi pontuado uma reflexão de beleza em Santo Agostinho e Tomas de Aquino, cristãos católicos. A beleza, para os cristãos católicos, vem de Deus, o belo diz respeito a perfeição. Encontramos um distanciamento entre o pensamento oriental e o pensamento ocidental de conceitos como vazio, caminho, elevação espiritual, relação entre espírito e matéria, e natureza.

Referencial Teórico

A problematização girou em torno de contextos sobre cultura oriental, estética, arte, religião e da relação entre espírito e matéria que a igreja Messiânica Mundial adota em sua teologia.

O texto sagrado da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, que tem sua origem litúrgica na língua japonesa, foi traduzido para o português, onde os brasileiros podem desfrutar de uma agradável leitura distribuída em cinco volumes intitulados “Alicerce do Paraíso”, de fácil entendimento.

Foram usadas literaturas sobre a cultura oriental, arte, religião, psicologia, filosofia e um volume inteiramente dedicado a construção do Paraíso Terrestre no Brasil, um volume específico sobre a Igreja Messiânica do Brasil, estes últimos escritos por membros da igreja, além de uma entrevista com o ministro responsável pela área da liturgia, onde o belo está muito presente também.

Metodologia

O texto sagrado da Igreja Messiânica Mundial, denominado “Alicerce do Paraíso” foi usado como base para o entendimento das propostas que seu fundador faz sobre a coluna de salvação denominada Belo, conceito importante dentro de sua teologia que diz respeito à soteriologia.

Foram acompanhados cultos em suas igrejas, denominadas Johrei Centers, onde foi constatado para efeito de testemunho real, as práticas da membresia com referência aos ensinamentos dispostos no texto sagrado.

As visitas realizadas no Protótipo do Paraíso Terrestre, em Guarapiranga, São Paulo, foram úteis para constatação das práticas dos ensinamentos e apreciações reais das diversas orientações dadas pelo fundador no que tange à apreciação, do que virá à ser, de acordo com seus ensinamentos, o Mundo Ideal, o Paraíso Terrestre, o Mundo do Belo.

As literaturas sobre a cultura oriental, assim como história da arte, filosofia, psicologia e um texto da área de Patrística da religião cristã, foram importantes para desenvolver e contextualizar toda a pesquisa. O diálogo religioso entre povos com características tão diferentes é um interessante foco de estudo de muitos sociólogos, antropólogos e cientistas da religião.

Resultados e Discussão

O pensamento oriental está concentrado na integração do homem com a natureza e a sociedade. Diante dessa integração, a ancestralidade tem valor primordial para o povo japonês, essa cultura encontra-se amparada em todos os processos de vida e se reproduzem em práticas que estão constantemente sendo atualizadas de geração a geração. O retorno às origens da ancestralidade é fonte inspiradora das renovações necessárias para o presente. Diferente do pensamento ocidental, que pode ser considerado como mais racional e possui um desenvolvimento mais científico.

O Ocidente cultivou simplesmente o outro aspecto da primitividade, qual seja, *a observação exatíssima da natureza com sacrifício da abstração*. Nossas ciências naturais se desenvolveram a base da espantosa capacidade de observação do homem primitivo. Nós nos utilizamos muito pouco da abstração, com medo de que os fatos nos contradigam. O Oriente, pelo contrário, cultiva o aspecto psíquico da primitividade, juntamente com uma fortíssima abstração. (JUNG, 2013, p. 38)

O entendimento de vazio no pensamento oriental não é sinônimo do “nada” ocidental, ele indica um estado puro de energia que permite o estar no mundo, sem acumulação de conhecimentos e tensões, apenas a mente aberta e centrada. Essa noção de vazio também evoca a experiência do silêncio, tendo como pólo oposto qualquer vibração sonora e que lhe confere assim, pleno sentido. Tomaremos como exemplo dessa experiência do silêncio interior e exterior, a prática conhecida no oriente como, a cerimônia do chá.

O objetivo da cerimônia do chá é proporcionar a elevação espiritual tanto do anfitrião como do convidado. Para o povo japonês, a cerimônia do chá (chanoyu em japonês), ou

caminho do chá (chadô em japonês). É a arte de servir e saborear o “matcha”, um chá verde em pó, introduzido no Japão por um monge do Budismo Zen. Era costume apenas dos monges e aos poucos foi absorvido também pelos nobres, pelos samurais e chegou às comunidades rurais.

O entendimento de elevação espiritual é entendido segundo própria prática que é realizada com movimentos suaves, delicados, graciosos, meticulosos, elegantes, sem desperdícios, sendo preestabelecidos instante por instante. O anfitrião começa a preparação dias antes do encontro, mas não só de forma espiritual. De acordo com a estação do ano e solenidade do evento, ele escolhe cuidadosamente os melhores utensílios, tigelas de chá, louças, flores, lenços de seda, incenso.

Estão presentes na cerimônia do chá, o espírito do servir, o altruísmo, a gratidão, a beleza, a ordem e a simplicidade que trazem a evolução espiritual ao anfitrião e ao convidado, pois tudo isso sugere neste ato da cerimônia, uma pausa para a reflexão sobre si mesmo e sobre o momento compartilhado.

No pensamento japonês, a partir do “Do” (caminho) alcança-se o *Satori*¹, ou seja, a compreensão, a intuição e a percepção das coisas. Daí a origem da palavra “Chadô” – o caminho do chá -, que foi aperfeiçoado até se tornar um meio de conquista de autocontrole emocional, auto expressão e iluminação espiritual. (IMMB, 2008, p. 16,17)

Podemos observar em toda manifestação da natureza o juízo de beleza e de perfeição. Dessa forma, dentro do contexto de arte oriental, o verdadeiro artista pratica uma auto-observação, de forma a aumentar a sua sensibilidade tanto perceptível como intelectual, para o desenvolvimento desses canais de expressão da força criativa.

[...] a *sensibilidade* é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. [...]. Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente. A ela pertencem as reações involuntárias do nosso organismo, bem como todas as formas de regulação. Uma outra parte, porém, também participando do sensório, chega ao nosso consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas. É a nossa percepção. Abrange o ser intelectual, pois a *percepção é a elaboração mental das sensações*. (OSTROWER, 2014, p. 12)

Uma das características importantes da estética japonesa é a justaposição entre diferentes sistemas simbólicos e culturais que coexistem e se unem, caracterizada por uma sensibilidade e uma percepção que ocorrem sempre de maneira harmoniosa. Sendo assim, cada arte existente no Japão é formada por uma combinação de diferentes práticas artísticas que se organizam entre si e se apresentam em parceria com outras práticas artísticas.

¹Satori - significa literalmente entender, em japonês. É uma iluminação, uma expansão da Consciência equivalente ao termo sânscrito Nirvana, usados na Índia para indicar a mente calada nos seus 49 níveis.

Encontramos na arte oriental, tais como o arranjo floral (kadô) ou Ikebana, as artes marciais (budô), a cerimônia do chá (chadô), o jardim japonês (nihon teiën), passando também pela pintura, dança, teatro, escultura, arquitetura, musica, etc., o desenvolvimento de técnicas referentes ao cultivo pessoal de uma percepção refinada.

Mas a arte somente pode ser aprendida quando é sentida, seja na pintura, na literatura, nas artes marciais, nas cerimônias do chá e das flores, ou em qualquer outra. Pois a arte vai além do talento dos seus idealizadores e seus desempenhos, podem ser consideradas mais do que técnicas. Encontramos atitudes desenvolvidas através de muita disciplina, concentração e práticas aliadas a uma contínua atitude espiritual que foram adquiridas através de anos pela tradição de suas ancestralidades que interagem de geração em geração nas atualidades.

Nós que vivemos atualmente, não somos seres surgidos do nada, sem relação com nada. Na verdade, representamos a síntese de centenas ou milhares de antepassados e existimos na extremidade desse elo. Somos, portanto, seres intermediários de uma sequência infinita, formando uma existência individualizada no tempo. Em sentido amplo, somos um elo da corrente que une os antepassados com as gerações futuras; em sentido restrito, somos uma peça como a cunha destinada a firmar a ligação entre os nossos pais e nossos filhos. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 109)

E assim como a religião está intrinsecamente ligada ao homem e a construção de sociedade desde os primórdios dos tempos, também a arte, tem acompanhado e desenvolvido um papel importante dentro deste contexto. Criou os símbolos da organização humana do espaço e do tempo, do corpo e do espírito.

Para Alves (2008) é aqui que surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações.

A sacralização e a ritualização da vida fazem com que a medicina, agricultura, culinária, edificações, produção de utensílios, música, instrumentos musicais, dança, adornos tornem-se ritos ou elementos de cultos. Semear e colher, caçar e pescar, cozer alimentos, tanto quanto fiar e tecer, pintar, dançar e cantar são atividades técnico-religiosas. As futuras sete artes (as belas-artes) nascem, pois, no interior dos cultos e para servi-los. (CHAUI, 2000, p. 49)

A arte nos possibilita compreender de várias formas o mundo em que vivemos, ela altera o modo como vemos a realidade ao mostrar outros mundos possíveis. Essa experiência estética, não se resume, portanto, somente ao conhecimento da obra de arte, mas de toda

uma perspectiva de valores, de propostas, de desejos, e em nossas reações sobre esse mundo que desvendamos ao apreciar a arte, também descobrimos quem nós somos.

É dentro deste contexto onde arte – religião – filosofia se entrelaçam que surgiu no Japão a Igreja Messiânica Mundial, que possui em sua soteriologia uma coluna de salvação chamada Belo, foco do estudo em questão.

Seu fundador, Mokiti Okada ou Meishu Sama, nasceu em 23 de dezembro de 1882, no bairro de Hashiba, em Tóquio, capital do Japão. Em sua juventude aspirava ser pintor, mas por motivos de doença acabou por desistir da ideia.

A despeito de todas as dificuldades do período inicial de implantação do sistema educacional do período Meiji, instituído em 1890 por Decreto Imperial, Mokiti Okada concluiu os estudos primários aos 13 anos de idade e ingressou na Escola de Belas Artes. Devido a problemas de visão foi obrigado a abandonar os estudos. [...]. Durante a juventude, Mokiti Okada interessou-se por filosofia ocidental, sobretudo pelas ideias de Henry Bérghson e William James (TOMITA, 2014, p. 27)

No ano de 1935, Mokiti Okada fundou a primeira igreja sob sua orientação, em Tóquio, onde foi realizado o primeiro culto da fundação Dai Nipon Kannon Kai , mas logo foi obrigado a fechá-la, por imposição do regime militar vigente no Japão naquela época, não havia liberdade de crença. Nos anos seguintes continuou a dedicar-se a salvação daqueles que vinham a sua procura para a ministração do Johrei, cada vez mais pessoas vinham ao seu encontro para receber a luz divina (Johrei) e encontrar a cura de seus males.

Em 1950, Okada fundou oficialmente a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo- em japonês), idealizou então, o Protótipo do Paraíso Terrestre, afim de que não só os membros, mas também os visitantes pudessem apreciar as obras de arte numa atmosfera de paz e serenidade. Dedicou-se ao planejamento do ambiente do museu interno do local e também projetou e fiscalizou pessoalmente a construção ao redor do museu de um lindo jardim e ergueu ali uma casa de Cerimônia do Chá.

No museu existem obras de arte do Japão, da China e da Coréia, de acordo com Okada os visitantes elevam seus sentimentos em contato com as obras de arte. Entre as obras colecionadas existem peças consideradas como Tesouros Nacionais do Japão e mais de cinquenta consideradas importante patrimônio cultural do Japão.

Em menos de dez anos, conseguiu organizar a Igreja Messiânica, formar ministros, escrever os Ensinamentos e edificar um museu com valiosíssimas coleções de obras de arte orientais.

Atualmente, no Japão chama-se Sekai Kyusei Kyo (世界救世教) cuja tradução literal é mundo (世界); salvação do mundo (救世); e ensinamento (教). Em japonês, o sufixo kyo é usado para designar kyodan (教団) ou shukyo

(宗教). No Brasil, a denominação adotada é Igreja Messiânica Mundial, que, por várias vezes, é confundida como uma religião de origem cristã por aqueles que a desconhecem. (TOMITA, 2014, p. 37)

A Igreja Messiânica Mundial chegou ao Brasil na década de cinquenta e teve boa receptividade pela população brasileira, se expandindo devido, principalmente, a sua prática do Johrei. Sua doutrina e seus ensinamentos foram adaptados para que pudessem ser compreendidos pelo povo brasileiro.

Em 10 de fevereiro de 1955, aos 75 anos, Mokiti Okada, passou para o mundo espiritual, nessa época já contava com cento e cinquenta mil seguidores no Japão

Em 1954 sua primeira base missionária foi estabelecida no Brasil. Em 1955 foi realizado o primeiro culto oficial da igreja. Em julho de 1965, a sede nacional da Igreja Messiânica foi fundada em Vila Mariana em São Paulo. Em novembro de 1995, a Igreja Messiânica inaugurou seu santuário ou "Solo Sagrado" no Brasil, em Guarapiranga – São Paulo.

O Solo Sagrado transmite o ideal da Igreja Messiânica de tornar o mundo um Paraíso Terrestre, onde a união e bom convívio entre os seres humanos serão plenos. Ele atrai pessoas de classe média e alta que estão sensíveis a problemas como materialismo, meio ambiente, problemas familiares, doenças, violência.

A Igreja Messiânica Mundial continua com o empenho de ampliar o acervo do museu, buscando acrescentar obras de arte orientais e ocidentais. O museu ainda desenvolve atividades culturais a nível internacional. Todo empenho é realizado para que o museu possa cumprir eficazmente o seu papel no Mundo Ideal, através da Arte.

Visando à concretização do Divino, a Igreja Messiânica Mundial não mede esforços para promover a Arte. E é para iniciar essa promoção que estamos construindo os protótipos do Paraíso Terrestre de Hakone e Atami, em locais de magnífica paisagem. Se as pessoas não estiverem conscientes desse ponto, não conseguirão entender o verdadeiro significado do nascimento da nossa igreja. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 52)

Alicerçada sobre os princípios que chamou de Verdade – Bem – Belo, desenvolveu princípios como Johrei, de shizen noho e do Belo. Acreditava que o desenvolvimento desses três princípios era fundamental para a construção do Paraíso na Terra.

Em seus ensinamentos, Mokiti Okada, passa o entendimento de que este mundo em que vivemos, é formado pelo Mundo Espiritual e pelo Mundo Material. Da mesma maneira, o homem é formado de espírito e matéria. A verdadeira salvação abrange o espírito e o corpo.

A teologia messiânica pontua a visão de que existem duas leis, a primeira referente a uma ação horizontal, baseada na Lei de Identidade Espírito-Matéria, e a segunda referente a uma ação vertical, baseada na Lei da Precedência do Espírito sobre a Matéria, ou seja, tudo

que acontece no nosso Mundo Material, são projeções daquilo que já foi elaborado no Mundo Espiritual.

O primeiro princípio chamado Johrei envolve a ideia de que a medicina de que hoje fazemos uso para curar as doenças, nos traz mais malefícios do que benefícios, ou seja, os remédios que tomamos para as doenças adquiridas, na verdade faz um mal maior do que realmente a própria cura. O Johrei é um método pelo qual as pessoas poderão solucionar problemas relativos a doenças, misérias e conflitos, mas o homem da atualidade não consegue mais acreditar em milagres, explica o fundador.

Baseado neste princípio é que surgiu a revelação de um método capaz, segundo a doutrina messiânica, de erradicar as nuvens espirituais, que foi batizado por Mokiti Okada, de Johrei, que significa literalmente purificação do espírito. A “energia espiritual”, também chamada de “Luz Divina”, é transmitida através das mãos do ministrante ao espírito de quem a recebe, objetivando a erradicação das “nuvens espirituais” e das conseqüentes toxinas físicas. Ministar e receber Johrei, então, tornou-se a principal prática dos seguidores da doutrina messiânica. (RIBEIRO, 2011, p. 46)

Okada também desenvolveu o princípio de shizen noho que abrange a questão da importância da “agricultura natural”. A preocupação de produzir alimentos sem agrotóxicos para se obter uma alimentação saudável, é essencial, pois o ser humano de vida paradisíaca precisa estar livre de doenças e a alimentação saudável contribui para isso.

Neste princípio de shizen noho, o fundador se preocupa com a questão do agrotóxico, pois ele mata a energia vital do solo. O solo é vivo, se estiver contaminado com produtos químicos ele não cumpre sua missão na produção de alimentos saudáveis para o ser humano. A mesma lógica do remédio que polui o corpo físico do ser humano.

O fato de uma religião ensinar como deve ser a alimentação correta, causa estranheza, pois é do entendimento das pessoas que os alimentos são como simples porção de produtos que servem para matar a fome. Somente quando se percebe a realidade de que a vida é sustentada pela Vida, compreende-se que viver é uma permissão recebida de Deus. A luz dos ensinamentos de Okada, o ser humano é um elemento da grande natureza e que ele não conseguiria se manter vivo sem coexistir com ela.

O princípio básico da Agricultura Natural consiste em fazer manifestar a força do solo. [...] O mais importante na Agricultura Natural é vivificar o solo. Vivificar significa conservá-lo sempre puro, não utilizar matérias impuras como os adubos. [...] Agricultura Natural, método que permite a obtenção de grandes colheitas utilizando apenas compostos naturais. [...]. Nos últimos tempos, os produtos agrícolas mostram-se mais vulneráveis aos danos causados pelos ventos e pelas chuvas que ocorrem todos os anos; na Agricultura Natural, tais prejuízos diminuirão muito, porque deixando de absorver adubos artificiais, que enfraquecem demasiadamente, os produtos resistirão melhor às intempéries. [...] Além do mais, seus produtos apresentam excelente qualidade e sabor, reconhecidos por todos aqueles que já experimentaram. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 18,23,28,30,38)

O último, porém, não menos importante, princípio do belo. Segundo ele, quando alguém entra em contato com obras de arte de autores de altíssimo nível, está aprimorando a própria alma.

O conceito atual de que a religião está desligada da arte parece-me um grande equívoco. Enobrecer os sentimentos do homem e enriquecer-lhe a vida, proporcionando-lhe alegria e sentido, é a missão da arte. [...] A arte é a representação do belo, a arte não será apenas um deleite indispensável; ela constituirá a própria vida e se desenvolverá intensamente. Ou seja, o Paraíso Terrestre será o Mundo da Arte. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 52)

O fundador ressalta que a consciência do belo é o que de melhor existe para a elevação dos sentimentos humanos e para o desenvolvimento de melhores atitudes. Esse é um dos motivos pelos quais ele sempre incentiva a arte, notoriamente a arte de baixo nível existente na época atual está degradando a espiritualidade dos seres humanos. Na teologia da Igreja Messiânica Mundial, o Paraíso Terrestre, é em termos claros, o Mundo do Belo.

Por conseguinte, qualquer pessoa que visite esse local purificará seu espírito maculado pelas condições do mundo, e sua alma, completamente árida, será regada na própria fonte. Assim, revigorada, seu trabalho renderá mais e, naturalmente, seu *caráter também de elevará*. Por isso, a contribuição do Paraíso Terrestre para o espírito das pessoas da sociedade será inestimável. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 47)

Okada empenhou-se na construção do Paraíso Terrestre, onde tanto os membros como os visitantes podem contemplar o Belo na sua forma mais pura e perfeita, o Belo da natureza criada por Deus. Dessa forma cada visitante do Paraíso Terrestre, pode despertar e compreender que faz parte da natureza criada por Deus, o que pode acarretar uma maior consciência de paz e harmonia. Criando, primeiramente, o Paraíso dentro de si e depois em seu próprio lar, cada um poderá tornar o seu “espírito paradisíaco”. Ter espírito paradisíaco significa não ter nenhum sofrimento, a melhor maneira, para isso, segundo Okada, é desenvolver o sentimento de gratidão. Agradecer a Deus pela vida, pela natureza em que vivemos, pelos nossos pais, filhos, amigos, pelo trabalho, por tudo em fim que passamos na vida, não deixando que seja criado o inferno no coração.

Segundo ele, é no nosso coração que se encontra a semente original para o estabelecimento do Reino do Céu na Terra. Por isso, cada ser humano, antes de tudo, deveria criar no próprio coração o Reino de Deus. A atitude fundamental de uma pessoa para com a verdadeira fé, é viver de acordo com a “Vontade de Deus”.

O mais importante é procurar saber o que devemos fazer para ser do agrado de Deus. Qualquer pessoa de bom senso sabe que, o que desagrade a Deus é agir fora do caminho, mentir, fazer os outros sofrerem, causar incomodo à sociedade. Contudo, atualmente, existem pessoas que não se importam com ninguém, achando que basta o próprio bem-estar, e manifestam esse egoísmo na prática. Por se tratar de uma atitude das mais condenáveis, não há como estar do agrado de Deus (MEISHU-SAMA, 2008, p. 33).

Em termos claros, para o fundador, quem sabe apreciar a obra de arte já conseguiu uma certa elevação espiritual. É necessário enriquecer o que há de cultural no homem, então, o mais importante na Arte é a objetividade. Quanto maior a objetividade, maior o valor artístico.

Nos dias atuais onde se está perdendo o sentido das coisas realmente belas e valiosas, o Solo Sagrado, indica-nos o objetivo a atingir e ensina-nos a postura correta para isso, certamente brilhará pela eternidade como lugar ideal, com o qual toda humanidade estará familiarizada, sem distinção de messiânicos e não messiânicos. O paraíso é um mundo assim – límpido, belo e ativo – e dessa forma, expressará os sentimentos das pessoas que o habitarão. Portanto, o Solo Sagrado não é só um lugar onde purificamos o nosso espírito, mas também um lugar onde gravamos no coração a imagem de um mundo ideal que virá; ou seja, ele é o Protótipo do Paraíso Terrestre. Nele renovamos a nossa promessa de concretizar esse mundo. Aperfeiçoar o protótipo e, assim, estender no Paraíso Terrestre ao mundo inteiro é a nossa missão como messiânicos. (IMMB, 1980, p. 50).

Okada analisa que o belo se situa no domínio da audição, da visão e do paladar. No que se refere à audição, em virtude, principalmente, do rádio, sendo muito significativo, também, o progresso do toca-discos, dos discos, etc., talvez nunca tenha havido época enriquecedora para música como a época atual². Pois queremos algo que toque nosso sentimento pela Beleza, que seja mais simples, mais próximo de nós, e que não esteja limitado pelo tempo.

Já a salvação por meio do belo, a exemplo das Flores (Kadô – Caminho) é um caminho que conduz a algo mais profundo que nos leva ao aprimoramento espiritual, pratica-se o autoconhecimento, o auto aprimoramento, melhorando os sentimentos e a percepção.

Em síntese ele preconizava o respeito à grande natureza, através da “Vivência” desta arte no cotidiano, é possível levar ao próximo e aos lugares: luz, ordem, limpeza, harmonia e alegria.

Atualmente, até as grandes empresas, os bancos, as fabricas oferecem aos seus funcionários a oportunidade de, no horário livre, orientados por conhecedores bem treinados, dedicarem-se a esta tão nobre arte, cultivando-a e, ao mesmo tempo, concentrando-se e diminuindo a tensão. [...] A concentração diária, mesmo se for apenas meia hora, é a melhor maneira de equilibrar o desenfreado ritmo de vida cotidiano e o dinamismo mental que só dispersa, em vez de reunir. Você só descobre de quanto tempo dispõe quando deixa de pensar que não dispõe de tempo algum. (HERRIGEL, 1995, p. 15,17)

O Belo, conforme Okada explica, é a demonstração da verdade e virtude resultante do amor. Isto é, uma declaração da Verdade e Bem, ditada pelo sentimento, ou seja, o Belo inclui a Verdade e o Bem no sentido de que ele (o Belo), é a forma criada pelo Bem num pensamento

² Mokiti Okada viveu no período da 1ª. Guerra Mundial e o Japão era um país fechado para o comércio do mundo, após a guerra houve uma abertura de comercialização no Japão possibilitando a entrada de um maior acesso aos tipos de música, como de outros produtos.

gerado pela Verdade. A arte, então, aflora a elevação do caráter renovando as atitudes morais.

Para Vygotsky (1999) a arte é o social em nós, e, o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essências sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há um homem e as suas emoções pessoais. Por isso, quando a arte realiza catarse (purificação) e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é o efeito social. E de igual maneira a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo de vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isso deixar de continuar social.

Nos ensinamentos de Okada, o artista tem uma importante responsabilidade sobre o que produz, sobre o que é exposto à sociedade. As vibrações espirituais emitidas pela alma do artista tocam a sensibilidade das pessoas através das obras literárias, da pintura, dos instrumentos musicais, dos cantos, das danças, etc. Em outras palavras haverá uma ligação entre o espírito do artista e o espírito de quem aprecia suas obras. Ou seja, a alma de quem contempla as obras de artes sempre entra em contato com a sensibilidade do artista e autor dos trabalhos apreciados.

A responsabilidade do artista existe. É um compromisso de ordem ética, um problema que não é só consciência individual, mas também da consciência social, mesmo ao tratar-se da expressão subjetiva como parece ser no caso da arte. Exatamente como um ser consciente e social, o artista não pode eximir-se das implicações de suas ações. Não se exime do fato de que cada ação exercida pelo ser humano, seja ela produtiva ou contemplativa, artística ou não, em si encerra um objetivo social – o da comunicação – referido a valores e termos de responsabilidade. Se o indivíduo puder admitir esse referencial, puder trabalhar com ele, efetivamente criará com liberdade. (OSTROWER, 2014, p. 161,162)

Podemos aproximar o pensamento de Okada, no que diz respeito ao artista ter um caráter de baixo nível, diante do contexto onde arte que pressupõe interação e comunicação entre pessoas, foi, e ainda é, usada por ditadores como meio de manipulação de seu poder político, isso também acontece com os setores da economia nas produções da indústria cultural.

Por outro lado, temos exemplos de grandes artistas da Antiguidade que em suas obras, possuíam ampla abrangência de conhecimentos, como os estudiosos da escolástica. Suas

belas artes, ainda hoje, permanecem vívidas e suas técnicas encantam e deleitam. Em qualquer lugar que essas obras de arte estejam, são apreciadas e notadas como “belas obras de arte”.

A distinção entre o belo natural e o belo artístico se faz por si mesma. Com efeito, é essencial a este último que o objeto cuja apreensão causa prazer seja percebido como a obra de um homem, a saber, o artista. [...] Atrás da obra de arte, sentimos sempre a presença do homem que a produziu. É isto, aliás, o que confere à experiência estética o seu caráter tão intensamente humano, já que por meio da obra de arte, um homem necessariamente se põe em relação com os outros homens. Virgílio³, Vermeer⁴ de Delft, Monteverdi⁵ e mesmo os anônimos estão eternamente presentes em nas suas obras – e esta presença nos é sensível. Tanto o é que a experiência da arte está ligada ao sentimento desta presença. Não presença humana por detrás da natureza; aí neste lugar sente-se apenas a trágica ausência, que as imprecações de Vigny⁶ denunciaram com a violência que já conhecemos. Se é que se percebe uma presença em tal lugar, está só pode ser, evidentemente, a presença de Deus. (GILSON, 2010, p. 33)

Notamos que na experiência do belo, o indivíduo não é passivo, pois a apreciação do belo provoca sensações; não se limita a receber impressões ou influências dos corpos que estão em sua volta, mas toma parte ativa na constituição desta experiência, ou seja, o que causa prazer não são propriamente as sensações, mas sim a atividade de concepção ou apreensão que se realiza a partir das sensações. As sensações apenas dão motivos a essas atividades, como um processo de estímulo.

Analisando a atuação do indivíduo, ao participar da cerimônia da flor, ou ikebana, conseguimos nos aproximar desse entendimento. Ou seja, o prazer que é sentido não provém do perceber das sensações das cores das pétalas, mas sim dessa ação pela qual os olhos ao mesmo tempo que conduzem a mente e por ela também vai sendo conduzido, percorrendo calmamente todos os contornos das pétalas, do caule e de tudo o mais que integram sua forma, atenta para cada elemento com olhar minucioso que as vezes fixa detalhes, as vezes tenta unir vários detalhes em um todo, permanece em tudo o que requer, neste instante, a atenção.

Neste instante em que a atenção é requerida, a mente do indivíduo foge do universo da vida agitada, das tensões e de tudo que o cerca, afinando seus sentimentos e emoções de forma a estar dentro do mundo, porém separado dele. Ao fazer isto, o indivíduo entra em contato com o seu “eu” e com as suas melhores intenções, buscando elevar seus sentimentos.

³ Virgílio - O célebre poeta romano, nasceu na cidade de Andes, próxima a Mântua, 70 a.C. foi batizado como Publius Vergilius Maro

⁴ Johannes Vermeer (1632 - 1675) pintor holandês, que também é conhecido como Vermeer de Delft ou Johannes van der Meer

⁵ Claudio Giovanni Antônio Monteverdi (1567 - 1643) foi compositor, maestro, cantor.

⁶ Alfred Victor, Comte de Vigny (1797 - 1863), francês, poeta, dramaturgo e romancista.

Os pensamentos tornam-se mais reflexivos e nesta oportunidade também a percepção fica mais aguçada.

Observamos nesse processo que existe o efeito do contato do objeto que cerca o indivíduo, que é o efeito físico que esse objeto exerce sobre seu corpo, enquanto que a experiência do belo envolve o prazer que ele causa a ele mesmo a partir da inspiração dada pelo objeto, e as sensações que este objeto, provocam no indivíduo. (NUNES, 2005, p. 10)

Entendemos que no cotidiano do ser humano, ele vivência mais o agir do que o contemplar, pois o ser humano está em constante movimento buscando seus objetivos. Em todos os processos é o agir do homem que está em questão, não há momentos para uma contemplação desinteressada, somente pelo prazer de contemplar.

Logo o belo sempre foi um momento de exceção, assim quando o ser humano aprecia o belo, este momento em específico pode ser considerado como uma atitude fora das atitudes cotidianas comuns.

A tarefa do belo, portanto, é sobre aquele mesmo que o procura, o aprendiz do belo é o objeto que é questionado, o indivíduo que aceita essa experiência pessoal encontra uma compreensão em outro nível de realidade, o nível noético da beleza, onde a experiência estética é o desejo mais profundo da alma.

A reação estética se reduz a purificação, experimentamos uma complexa descarga de sentimentos, a uma transformação mútua, e em vez de emoções angustiadas suscitadas pelo conteúdo da narrativa temos diante de nós a sensação elevada e clarificadora de leve alento. (VYGOTSKI, 1999, p. 271)

Na contemplação do belo, o ser humano se sensibiliza, fica comovido por este instante e totalmente livre de seus pensamentos de julgamentos, sua mente se cristaliza, pois, o olhar fica extasiado pela atuação do belo. O ser humano consegue se desprender das condições do cotidiano, se separando do mundo material e expande sua consciência de forma sensível.

Assim a capacidade individual e própria de sentir a beleza fica cada vez mais aprimorada. Alcançando este estágio, as pessoas que contemplam a obra passam a observar também outras realidades de maneira mais sensível, elevando o seu discernimento, passam a ver as ocorrências com olhos críticos e ao mesmo tempo, adquirem capacidade para distinguir o bem do mau, o verdadeiro do falso. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 58).

Neste ponto, quando o ser humano através da consciência do belo, passa a ter discernimento, começa a ter uma melhor postura moral nas suas atitudes, seu olhar se torna mais críticos com capacidade de distinguir o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o certo e o errado. Passando então para uma conduta ética. Pois para que haja uma conduta ética, é preciso que haja um agente consciente, isso é, aquele que conhece a diferença entre bem e

o mal, permitido e proibido, virtude e vício. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.

A ação moral, portanto, não se orienta pela razão. Ao contrário, o ideal ético se realiza pela “bela alma” (schöne Seele) que incitada pelos sentimentos, a leva ao cumprimento dos mais altos deveres. Assim a “bela alma” harmoniza eticidade e razão, obrigação e inclinação e eleva o caráter do homem. (HERMANN, 2005, p. 47)

O belo apreendido e apreendido leva o indivíduo ao estado de sublimação, que quer dizer um estágio de elevação, pois faz o indivíduo refletir sobre sua condição. A sublimação é a fronteira em que já estão confinadas a religião e a metafísica.

Podemos interpretar que o belo permite a unificação das esferas sensível e espiritual em sua expressão, no momento único em que a atenção é apreendida pelo belo, ocorre uma magia⁷, o indivíduo se esquece de suas limitações. Limitações que são apresentadas pela sociedade quando restringe o indivíduo a classes sociais, a grupos religiosos, etc.

A necessidade universal da arte é, a necessidade racional que o ser humano tem de elevar a uma consciência espiritual o mundo interior e exterior, como se fora um objeto no qual ele reconhece o seu próprio si-mesmo. [...] afirma ser ela (a arte) produzida para o sentido do homem e, por isso, em certa medida extraída do sensível. (HEGEL, 1999, p. 53)

Quando o indivíduo se eleva espiritualmente, se torna sensível, se torna estético, entendemos que aconteceu uma transformação da sua natureza; e para que desse indivíduo estético se torne um indivíduo moral, é necessário que seja despertado suas melhores intenções e também oportunidades, pois o estado moral do indivíduo nasce da estética e não de estados físicos. Ou seja, o indivíduo age e produz as coisas de acordo com a sua natureza, mas a “forma” como ele produz se expressa pela razão.

[...] a diferença entre a emoção real e a estética está em que esta não é refletida imediatamente por nenhuma ação. Entretanto, diz que. Se repetida de modo insistentes, essas emoções servem de base ao comportamento do indivíduo, e o tipo de leitura pode influenciar a qualidade da sua personalidade. “A emoção que a obra de arte comunica é incapaz de traduzir-se em ações de modo imediato e direto e, neste sentido, as emoções estéticas diferem acentuadamente das reais. Contudo, por representarem um fim em si mesmas, por encontrarem justificação em si mesmas e não se manifestarem imediatamente através de uma ação prática, as emoções estéticas podem uma vez acumuladas e repetidas, redundar em resultados práticos substanciais, estes resultados são condicionados tanto pela propriedade geral da emoção estética como pelas propriedades peculiares a cada uma dessas emoções.[...] A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando o futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima de nossa vida o que está por trás dela. (VYGOTSKI, 1999, p. 316,320)

⁷ Magia – encanto, fascinação, sedução

Encontramos na religião ocidental cristã católica algumas considerações onde o belo está ligado diretamente a Deus. Em Santo Agostinho (354-430 d.C.) a arte humana é um símbolo do significado da arte de Deus, é a partir da beleza das coisas, que segundo ele, chegamos a beleza suprema de Deus, é a concepção da beleza suprassensível, imutável e eterna, razão de ser das coisas belas deste mundo, ou seja, a beleza como um todo harmonioso, proporção e ordem, a beleza no mundo é um reflexo a suprema beleza de Deus, de onde tudo emana. (AGOSTINHO, 1997, p. 18-21).

Para Tomás de Aquino, existem três condições para a beleza: integridade ou perfeição, devida proporção ou harmonia entre as partes; claridade ou luminosidade, ou seja, reluzir da forma em todas as partes da matéria. Ele também analisa que a beleza é uma propriedade transcendental do ser paralela a Verdade e ao Bem.

É muito significativo que Santo Tomás de Aquino, representante máximo da escolástica, síntese filosófica da Idade Média, tenha estudado o Belo na mesma parte de sua *Suma teológica* que trata da existência e da natureza de Deus. A Beleza é, para o Santo Doutor, uma propriedade transcendental do Ser, paralela à Verdade e ao Bem. Entretanto, esses três aspectos de uma mesma realidade absoluta são inconfundíveis. O Bem é o que o homem deseja possuir, e a Verdade o que ele busca apreender intelectualmente. O Belo, que se relaciona com o primeiro e com a segunda, não tem a desejabilidade do Bem, pois só se impõe à nossa contemplação, e difere da Verdade, porque consiste no deleite que a contemplação traz ao espírito, o qual não depende do verdadeiro conhecimento daquilo que nos deleita.

Pela doutrina de Santo Tomás de Aquino, o Belo está mais próximo da Verdade: a contemplação exercita o conhecimento, e o deleite, que dela é inseparável, decorre, sobretudo, da atividade dos sentidos intelectuais, a vista e o ouvido. A *integridade* (perfeição, plenitude), a *proporção* (acordo ou conveniência entre as partes), e a *claridade* ou *esplendor* (adequação à inteligência), são as três condições do Belo, a última das quais, correspondendo ao esplendor do Bem e da Verdade na filosofia platônica, significa, analogicamente, para Santo Tomás de Aquino, a inteligência divina manifestada como Verbo. (NUNES, 2005, p. 16,17)

Na religião cristã protestante houve uma crítica do reformador Martinho Lutero e também de João Calvino que condenaram a apreciação de imagens, com referência as imagens de Cristo, de Maria e outros santos devocionais da igreja católica, alegando idolatria nas venerações. A sensibilidade pela apreciação da arte passou por um período delicado, neste grupo religioso.

Okada salienta a necessidade de todas as religiões se unirem para a construção desse Mundo Ideal, pois a maioria das religiões parece desfrutar do mesmo pensamento de que a vontade de Deus é fazer da Terra o Reino dos Céus, um mundo sem conflitos de eterna paz e absoluta Verdade, Bem e Belo. Por isso, a arte também é um caminho para a concretização do plano de Deus. Logo, religião e arte devem caminhar juntas para cumprir o plano de Deus.

O conceito atual de que a Religião está desligada da Arte parece-me um grande equívoco. Enobrecer os sentimentos do homem e enriquecer-lhe a vida, proporcionando-lhe alegria e sentido, é a missão da Arte. Os entendidos no assunto sentem indizível prazer em apreciar as flores, na primavera, e as paisagens campestres ou marítimas. Não é exagero dizer que o Paraíso Terrestre, que temos por ideal, é o Mundo da Arte, o qual não é outro senão o mundo da Verdade, do Bem e do Belo, a que costumo me referir. A Arte é a representação do Belo. [...]. Na era contemporânea, todavia, esse elo entre religião e arte foi enfraquecendo pouco a pouco, de tal modo que elas acabaram se dissociando por completo. Por influência da ciência, fala-se muito, hoje em dia, em estagnação da religião. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 52,53,71)

Segundo Mokiti Okada, nunca existiu uma religião que dessa tanta importância à Arte, quando a Igreja Messiânica Mundial. Isso porque o Paraíso Terrestre, que é o objetivo da igreja, é o mundo da Arte. Obviamente se ele é um mundo isento de doença, pobreza e conflito, ele é um mundo de perfeita Verdade – Bem e Belo. O homem seguirá a Verdade, amará o Bem e odiará o mau; assim todas as coisas se tornaram belas. Nesse sentido a arte não será apenas um deleite indispensável; ela constituirá a própria vida e se desenvolverá intensamente. Ou seja, o Paraíso Terrestre é Mundo do Belo e será o Mundo da Arte. (MEISHU-SAMA, 2008, p. 54)

Considerações Finais.

Neste estudo, embora não esteja fechado para observações futuras, chegou-se as considerações de que a contemplação do belo, a que a Igreja Messiânica Mundial se refere, através dos ensinamentos de seu fundador, Mokiti Okada, é capaz de tornar o homem um ser espiritualmente mais elevado, de melhores atitudes não só para com ele próprio, mas também para com o próximo, desenvolvendo assim um ser humano com atitudes éticas.

Segundo a religião messiânica, quando falamos em belo, falamos em perfeição e em elevação espiritual. Pois entendem que a contemplação é uma das mais altas formas do saber, senão a mais alta forma de saber, onde o homem ultrapassa o seu mundo material e se apodera de uma realidade interior, dessa forma o homem atinge sua totalidade, pois consegue expandir sua consciência. Torna-se segundo o fundador da igreja, um homem paradisíaco, um ser integral que vive em completa harmonia da matéria-espírito.

A elevação espiritual dá-se num processo de contemplação de belas artes, que podem ser apreciadas a nível visual ou auditivo. Nesta contemplação a mente humana sente-se apreendida pelo belo, e nessa experiência ocorre uma aprendizagem que modifica a consciência de quem está participando dessa experiência com o belo. Melhorando suas atitudes e interagindo com o ambiente ao seu redor com atitudes boas. O ser humano então torna-se paradisíaco, um ser integral, que no convívio em sociedade é capaz de ter atitudes

boas, e de saber distinguir o que é certo do que é errado, interagir melhor com o próximo. Sendo assim, podemos considerá-lo, um ser humano ético.

O psicólogo Vygotsky nos ajuda a compreender, através de seus tratados, que esse processo de contemplação da arte e a aprendizagem e transformação de atitudes, não acontece de imediato. Esta aprendizagem fica no nosso inconsciente e vai educando o nosso consciente, ou seja, acontece uma reeducação da nossa mente, despertando no homem sentimentos, pensamentos e atitudes boas. Há uma alteração de comportamento na apreciação das artes e uma elevação espiritual.

Porém nosso dia a dia é feito do agir e muito pouco do contemplar, dificilmente nos permitimos ter essa atitude de contemplação do belo. Eis aqui um motivo pelo qual houve um interesse em levantar este estudo, uma religião nascida no oriente com um ideal fora do nosso cotidiano, busca através da contemplação do belo, uma forma de unificar os indivíduos, de melhorar a convivência, de elevar o espírito, de despertar a essência do ser humano bom.

Com o passar dos tempos e com o galopar da civilização o homem tornou-se um ser mais individualizado, apesar dos muitos recursos de comunicação que desenvolveu. O materialismo no qual o homem está exposto em seu dia a dia consome sua mente e a direciona sempre para os assuntos alienantes da sociedade capitalista, é a indústria da cultura em ação no nosso dia a dia, o próprio homem criou uma segunda natureza a qual ele está alienado.

Quando Okada abre seus ensinamentos para o Paraíso Terrestre, o Mundo da Arte, o Mundo do Belo, mostra que na apreciação do Belo a mente do homem foge dessa segunda natureza que a industrial cultural criou, quando a elevação espiritual acontece, o homem se torna mais sensível, mais perceptível e reencontra sua primeira natureza divina ligada a Deus, encontrando o verdadeiro sentido de sua vida, como criatura que faz parte da criação divina e não pode ser tratado como um objeto, manipulada pelo homem numa segunda natureza criada pela sociedade capitalista.

Mais do que a construção de igrejas e o Solo Sagrado de Guarapiranga para a membresia, a forma como os messiânicos desenvolveram esse princípio do Protótipo do Paraíso, já é uma notável forma de manifestação de sentimentos que não ficam somente individualizados dentro do grupo religioso, mas reconstrói no ser humano o ideal de vida paradisíaca na convivência com o próximo, quer seja membro, ou não, da igreja. O Protótipo do Paraíso Terrestre de São Paulo, é também um lugar procurado por líderes religiosos, que pertencem a outras religiões, para a realização de reuniões, mostrando que é possível também um diálogo inter-religioso através do Protótipo do Paraíso Terrestre, o mundo da Arte, o mundo do Belo.

Referências:

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALVES, R. *O que é Religião*. 9a. Edição. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- GILSON, É. *Introdução às Artes do Belo*. São Paulo: Realizações, 2010.
- HEGEL, G. W. F. *Curso de Estética- vol I*. São Paulo: Edusp, 1999.
- HERMANN, N. *Ética e Estética - a relação quase esquecida*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HERRIGEL, G. L. *O Zen na Arte da Cerimônia das Flores*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- IMMB. *Sampai-Oração e Culto-Caminho da Felicidade*. São Paulo: Fundação Messiânica do Brasil, v. IV, 1980.
- IMMB. *Cerimonia do Chá. Izunome*, São Paulo, p. 16 e 17, setembro 2008.
- JUNG, C. G. *Psicologia e religião oriental*. São Paulo: Vozes, 2013.
- MEISHU-SAMA. *Alicerce do Paraíso - vol. 3*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2008.
- MEISHU-SAMA. *Alicerce do Paraíso - vol. 4*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2008.
- MEISHU-SAMA. *Alicerce do Paraíso - vol. 5*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2008.
- NUNES, B. *Introdução à Filosofia da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.
- OSTROWER, F. *Criatividade e Processo de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- RIBEIRO, C. R. S. *Um Protótipo do Paraíso à Brasileira*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2011.
- TOMITA, A. *Religiões Japonesas e a Igreja Messiânica Mundial do Brasil*. São Paulo: Fonte, 2014.
- VYGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Contato: jurema.mizumoto.amado@gmail.com e lidice.ribeiro@mackenzie.br